

A HISTÓRIA DA MARINHA DO BRASIL E SUAS ORIGENS

NARRADA PELA FILATELIA

Fernando Antonio B. F. de Athayde Bohrer*



A ESQUADRA IMPERIAL BRASILEIRA

Podemos considerar que a Esquadra Brasileira surgiu com os meios navais deixados por D. João VI quando do seu regresso à Lisboa. A maioria estava imprestável e o Arsenal da Corte (hoje Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro - AMRJ) colocou em condições de operação a Nau “Martins de Freitas”, rebatizada como “D. Pedro I”, e que passou a ser a Nau Capitânia da Primeira Esquadra Brasileira, empregada, inicialmente, contra as forças portuguesas.

**José Bonifácio de
Andrada e Silva**



D. João VI



D. Pedro I



**Selo comemorativo
aos 250 anos do
Arsenal da Corte,
hoje AMRJ, com a
Nau "D. Pedro I"
retratada**

José Bonifácio de Andrada e Silva, Chefe do Primeiro Gabinete do Brasil independente, foi o responsável pela organização da defesa do território brasileiro. Sem oficiais graduados com experiência em operar navios de Esquadra em combate, por sugestão do Marquês de Barbacena, Plenipotenciário brasileiro, em Londres, representando o Governo Imperial, contratou na Inglaterra vários oficiais e praças para, além de guarnecer os navios, adestrar nossos “marinheiros”.

Dentre eles, foi contratado um oficial inglês que havia participado das Guerras Napoleônicas, Alexander Thomas Cochrane que, com outros oficiais e praças ingleses, chegou ao Brasil em 21 de fevereiro de 1823. Recebeu a patente de Primeiro Almirante da Marinha Imperial e foi nomeado Comandante da Esquadra Imperial, tendo içado seu pavilhão na Nau “D. Pedro I”, primeiro Capitânia da Marinha do Brasil. A Esquadra Brasileira suspendeu do Rio de Janeiro em 1º de abril de 1823 para intervir na revolta contra o recém-independente Império, na Bahia.



Almirante Cochrane
(selos dos Correios do Chile)

A CONSOLIDAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Nas Províncias do Norte, Nordeste e Cisplatina, as Juntas Governamentais continuavam leais à Corte portuguesa, em Lisboa. Assim foi no extremo sul, na Província Cisplatina; na Bahia, onde se concentrava a maior oposição; e no Maranhão. Surgiram, também, revoltas de cunho separatista, motivadas por insatisfação com o Governo Imperial: nas Províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, a Confederação do Equador; nas Províncias de Pernambuco e Alagoas, a Cabanagem; na Província do Pará, a Cabanagem;

e, nas Províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a Revolução Farroupilha (Guerra dos Farrapos) e República Juliana.

O Brasil, com seus 7.680 quilômetros de costa, sem comunicações terrestres, viu no Poder Naval o único elemento capaz de levar a ordem e a Autoridade Imperial àquelas Províncias.

O material flutuante que permanecera no País após a partida de D. João VI foi o embrião da Primeira Esquadra do Brasil, intervindo com sucesso e auxiliando a debelar esses conflitos.



CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR
República independente que reuniu as Províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará durante cinco meses, em 1824



CAMPANHA DA CISPLATINA
Bergantim Lebre, navio português que participou da Campanha



CABANAGEM
Revolta popular ocorrida na Província do Pará, entre os anos de 1833 e 1840



REVOLUÇÃO FARROUPILHA
Revolta separatista que eclodiu no Rio Grande do Sul, estendendo-se a Santa Catarina, levada a cabo pelos ricos proprietários de terra, descontentes com o Governo Imperial, entre 1835 e 1845

BICENTENÁRIO DA ESQUADRA

Durante a cerimônia militar alusiva aos 200 Anos da Esquadra, houve lançamento de Selo Personalizado, destacando a Nau “Pedro I” e o Navio Aeródromo Multipropósito “Atlântico”, primeiro e atual Capitânia da Esquadra. ■



* Capitão de Mar e Guerra (Refº)